

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A LEITURA DA LITERATURA NA SALA DE AULA

Silvânia de Araujo Pes¹

INTRODUÇÃO

Os alunos estão chegando e saindo do Ensino Médio com imensas dificuldades de leitura e interpretação de textos, apesar dos vários anos que ficam na escola. A abordagem dos textos literários e não literários nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, geralmente, dá-se somente com o modelo proposto pelo livro didático e se restringe à análise de fragmentos de textos e é pretexto para o ensino da gramática ou de produção textual.

Quanto à disciplina de Literatura, percebe-se que o ensino está preso aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura, onde se apresenta uma sucessão de estilos de época, dados biográficos dos autores, os cânones e fragmentos de textos literários que servem para comprovar as características dos períodos literários. Tais procedimentos implicam no abandono da leitura de obras consideradas fundamentais. Raras são as oportunidades de leitura de um texto integral na percepção da beleza e da magia do texto literário.

Para tanto, é importante discutir como a leitura e a literatura estão inseridas nas salas de aulas, qual o tratamento dado à literatura no planejamento do professor e quais estratégias são mais comuns no “ensino” da literatura.

Acredita-se que o professor de literatura hoje, precisa estar aberto para conhecer a necessidade e a realidade do aluno, a fim de trazer textos da atualidade e textos tipicamente

¹ Professora da Rede Pública Estadual, com graduação em Letras pela Unijuí (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí/RS), especialização em Língua Portuguesa (URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Santo Ângelo/RS) e em Linguagem e Ensino (UFFS - Universidade da Fronteira Sul - Cerro Largo/RS). Mestranda em Letras na UPF (Universidade de Passo Fundo). E-mail: silvianiapes@yahoo.com.br

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

literários para a sala de aula, com a intenção de sensibilizar os alunos para a prática leitora. Assim como, além da prática, é preciso muito mais que teoria, precisa de compreensão, paciência, energia, motivação, imaginação, criatividade, vontade. Trabalhar literatura brasileira com ensino médio é um trabalho complexo, porém motivador.

É preciso que o professor amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como uma atividade de construção e reconstrução de sentidos, que busque novas técnicas de abordagem ao texto literário e de formas diversificadas, a fim de que novas experiências influenciem diretamente o contato do leitor com o texto. E, a partir dessa concepção, o professor ver-se no papel fundamental de ajudar os alunos na construção e reconstrução de suas interpretações textuais visando à interação do aluno com textos, buscando ou tornando o estudo da literatura significativo e com isso preparando os alunos para se efetivarem leitores.

1 OS TEXTOS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA

O contato do aluno com o texto literário, na sala de aula, não raro é através do livro didático, muitas vezes apenas com textos fragmentados voltados à análise, como pretexto para chegar à busca de respostas específicas determinadas com o objetivo de serem classificados e periodizados. Ou seja, o texto literário não é trazido para a sala de aula, não é percebido na sua inteireza, na sua beleza, na sua constituição enquanto literário.

Da mesma forma, quanto à seleção ou indicação das obras literárias para leitura dos alunos do ensino médio, estas seguem algumas orientações do professor, muitas vezes não bem acolhidas pelos educandos.

Pode-se dizer que da parte do professor geralmente determina a relação das leituras a partir da lista de cânones incluída na cronologia literária dos estilos de época. Observa-se que a indicação se comprova nos livros didáticos e que estes trazem fragmentos de textos que servem para comprovar as características dos períodos literários. Por sua vez, a biblioteca da escola, também disponibiliza coleções, estas mesmas que são orientadas pelo professor de literatura. Percebe-se que até a biblioteca apresenta e investe em outras obras modernas e novas e até em lançamentos, mas que não são incentivados pelo professor, pois sua leitura

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

geralmente se refere a certos livros tradicionais que fizeram parte do seu repertório escolar e por esta razão mantém e estende a mesma solicitação e exigência aos seus alunos.

Neste ponto, cabe dizer que os livros ou textos que o professor leu ou lê são os que determinam a leitura dos alunos, por isso quanto maior o cabedal de leitura do professor, maior o cabedal para oferecer aos alunos.

A escolha dos textos literários está longe de ser uma tarefa tranquila para o professor. Com a grande produção de obras que ocorre na atualidade, o professor sofre a angústia de poder oferecer e indicar ao aluno as possíveis leituras que podem ser feitas. Entende-se que quanto maior a diversidade entre obras, gêneros e autores maior serão as possibilidades de desenvolvimento dos alunos com o mundo da leitura.

Segundo Cosson (2011, p. 34)

A literatura deveria ser vista como um sistema composto de outros tantos sistemas. Um desses sistemas corresponde ao cânone, mas há vários outros, e a relação entre eles é dinâmica, ou seja, há uma interferência permanente entre os diversos sistemas. A literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura.

Todavia, por mais atraente que possa ser a diversidade quanto aos textos literários sugeridos é preciso promover o letramento literário. Não basta somente ler por ler. São necessárias atividades de leitura que ajude a formar o aluno como leitor. De acordo com Cosson (2011, p. 35)

crecemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é o papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.

Assim, é grande a responsabilidade do professor de literatura, para fazer da leitura literária uma atividade que leva ao prazer e também ao conhecimento.

2 A LEITURA DOS TEXTOS LITERÁRIOS

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Cabe ao professor de literatura estimular o aluno à leitura, partindo da interação entre o texto e seu leitor. Esse estímulo começa com a superação da resistência que muitas vezes o aluno de ensino médio tem em relação à leitura.

Para começar é interessante que o professor inicie o trabalho de leitura de textos literários voltados a faixa etária e ao perfil de aluno que tem na sua sala de aula, pois pode ser aí que o aluno desperte o gosto pela leitura. Conforme Jobim (2014, p. 117) “ao levar em consideração a característica de seu público, o professor poderá escolher os textos que “interessem”, ou seja, que possibilitem a discussão de temas importantes para a experiência do aluno”.

Aliado a este fator, procurar textos com uma linguagem mais fácil, textos com um registro mais próximo do aluno, para que aos poucos possa ocorrer uma gradação, chegando a um vocabulário mais difícil ou mais denso. Nas palavras de Jobim (2014, p. 118) “o ideal é começar a ‘preparar terreno’ com narrativas de tipo mais próximo à experiência do aluno, para depois, criada a motivação pela leitura chegar [...] ao mais ‘difícil’”.

Outro passo, é a interpretação do texto literário. Após lido, o que podemos apreender do texto, o que o texto tematiza, o que diz e como diz. De acordo com Jobim (2014, p. 121)

O melhor seria aproveitar a ocasião em que se trabalha um texto em classe para discutir o que está em jogo na interpretação literária. Nos limites do que é possível, é sempre relevante incentivar os alunos a verbalizarem diretamente a interpretação (oralmente ou por escrito, conforme o alcance de cada um) [...] Se os alunos entram no jogo, é mais fácil a reflexão, que pode incluir, entre outras coisas, a exploração das relações dos textos literários com outros tipos de discurso e com os contextos em que se inserem, ou o relacionamento do texto literário com os problemas ou concepções dominantes na cultura do período em que foi escrito e com os problemas e concepções do presente.

Cabe ao professor dar abertura ao aluno para que a partir das várias colocações expostas, tenha possibilidade de refletir sobre a vida, sobre o contexto em que se insere, pois o texto literário é social, tem relação com a realidade, com o contexto, com o mundo. No entanto, estas reflexões requerem um cuidado com o texto, pois de acordo com Fiorin (2014, p. 52) “quem determina as possibilidades interpretativas é o texto. As leituras possíveis estão nele inscritas. Portanto, uma interpretação é validada por marcas, vestígios, indícios presentes

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

na superfície textual.” Ou seja, o texto literário admite várias leituras, mas nem todas. Apesar de ser uma obra aberta, as várias leituras devem estar inscritas no texto.

3 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

No momento que o professor escolhe um texto para levar aos alunos, inicia-se o trabalho com a leitura, pois, ao selecionar o texto, ele tem uma intenção de leitura. Mas, a partir desse ato, há muito a percorrer.

Nessa perspectiva, Braga e Silvestre (2009, p.26) propõem três etapas para a realização do trabalho de leitura: “pré-leitura, leitura descoberta e pós-leitura”. Segundo as autoras citadas, a pré-leitura é o primeiro contato com o texto. Ao entregar o texto ao aluno, o professor faz um questionamento, uma investigação para ter pistas, sinais, do que o aluno já sabe sobre. É o momento também que se expõe a fonte do texto, de onde foi extraído, sua autoria, publicação, entre outros dados. Prepara-se o aluno para a leitura e se estabelece uma relação de interação com o texto. É um momento de provocação.

A leitura descoberta, de acordo com Braga e Silvestre (2009), é a etapa em que, além da decodificação, sucede-se a construção de sentido do texto. Mas uma leitura eficiente não se realiza lendo apenas uma vez, e sim, passo a passo, no qual vai se percebendo aspectos, buscando informações, concentrando-se em ideias, verificando dados, entre outras ações. Nesse caminho exploratório do texto, está a importância do professor enquanto um mediador.

Ainda, para Braga e Silvestre (2009), a pós-leitura é a fase em que o aluno faz uma reflexão das informações que obteve com a leitura e constrói conhecimento, ele processa o que conseguiu elaborar a partir do texto lido.

Seguindo essas etapas apontadas pelas autoras mencionadas, o professor ensina o aluno a mobilizar seus conhecimentos, aproximando-o de fato do texto estudado. Com esse trabalho, efetiva-se a atividade de leitura com propriedade.

Acredita-se que após várias experiências e trabalho orientado desenvolvido pelo professor, com vários e diferentes textos, o aluno vai pegando gosto pela leitura, vai desenvolvendo sua capacidade leitora, e tendo preparo para ler os textos com mais fluidez,

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

com condições para outras práticas de leitura que sejam significativas para ele. É claro que este processo deve ser acompanhado pelo professor, pois são movimentos que vão ampliando e consolidando o repertório cultural do aluno.

4 UMA PROPOSTA

O PRIMEIRO BEIJO

Clarice Lispector

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

Ele foi simples:

- Sim, já beijei antes uma mulher.

- Quem era ela? - perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir - era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente engolia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio-dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por instantes, mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, talvez horas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que, mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada. O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... Olhou a estátua nua. Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva. Deu um passo para trás ou para frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto. Perplexo, num equilíbrio frágil.

Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele...

Ele se tornara homem.

No conto, o garoto estava de conversa com a sua namorada que lhe indagou se ele já havia beijado uma mulher antes. Ele passa, então, a recordar o primeiro beijo que, surpreendentemente não fora em um ser humano, mas que para ele teve tanto valor quanto. Perpassa pela mente do menino a cena: estava em uma excursão com seus colegas. No ônibus, todos estavam sedentos de água. Houve a parada tão esperada para matar a sede. E lá estava: “o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada”. Ele foi o primeiro a aproximar-se e colocou ferozmente sua boca no orifício de onde jorrava água e sentiu saciar-se.

Em *O primeiro beijo* vemos o quão significativo é, para o amadurecimento de um menino, o encontro com um chafariz de pedra em forma feminina. O fato é lembrado por ele ao ser interrogado pela primeira namorada se já havia beijado uma mulher antes, ao que ele responde afirmativamente, pois considera o beijo dado na estátua, no momento em que bebia a água que dela jorrava, equivalente a um dado em uma verdadeira mulher. Sua primeira ereção, naquele momento em que seus lábios tocavam os lábios de pedra, testemunha isso.

Quanto à leitura do texto em sala de aula, sabemos que o êxito das atividades de leitura também está relacionado à “preparação do terreno” para receber o texto, ou seja, é importante despertar no aluno interesse pelo texto antes da leitura, o que constitui as atividades de pré-leitura. Em um primeiro momento, antes da apresentação do texto, o professor poderá solicitar aos alunos uma pesquisa em ambientes virtuais na internet, de imagens que atendem a temática do texto, no caso o beijo. As imagens pesquisadas podem ser apresentadas pelos alunos. Por meio de inferências, o professor ativa conhecimentos prévios do educando além de estabelecer um envolvimento emotivo com ele. Após, no caso desse conto, *O primeiro beijo*, o professor mostra o texto, diz de onde ele foi extraído, quem é a autora, pode falar sobre ela, questionar se os alunos conhecem ou se já leram algum texto da mesma autora. Depois passa-se para a leitura, que pode ser uma leitura individual ou coletiva.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

O professor também pode criar situações em que os alunos tenham uma vivência concreta relacionada ao texto, como, por exemplo, ouvir uma música, observar determinada pintura ou imagem, assistir um vídeo e discutir seu significado, antes de ler um texto. A partir da vivência, a tendência é ele ler o texto com mais atenção e interesse.

No segundo momento, ocorre a leitura efetiva do texto, que é a leitura-descoberta. À medida que lê, o leitor vai entendendo o texto na busca de sua interpretação. É o momento da exploração do texto. Para a busca de informações mais específicas e detalhadas, pode-se ir lendo passo a passo. Ela pode começar com alguns questionamentos: No conto, uma pergunta inicial desencadeia a história. Que pergunta é essa? O menino já havia beijado? Quem? Existe diferença entre uma estátua e uma verdadeira mulher? O que é uma mulher para um homem? Que partes do corpo geralmente são sensualizadas tanto no homem quanto na mulher: uma boca, uma curva, um seio? É comum nos dias de hoje, os homens que se fascinam pelas imagens? Imagens trabalhadas por computador? Imagens das mulheres que posam para revistas? Quantos meninos não começam sua sexualidade com revistas eróticas? Num relacionamento somos amados como sujeitos ou somos desejados como objetos? Por meio das indagações, chama-se assim, atenção do aluno para o texto, para que participe do texto, para que se sinta convidado à leitura descoberta.

Lemos no texto que o menino estava com muita sede “Sua sede era de anos”. Vemos que o menino tenta saciar a sede física de forma autônoma, juntando a própria saliva, o que se lhe revela insuficiente. É necessário que algo externo lhe forneça o que necessita para se satisfazer.

Eis o desejo: o que lhe falta não pode ser suprido por seu próprio ser. É preciso sair de si, rumo à exterioridade para satisfazê-lo. Ao encontrar o chafariz, o menino, em princípio, satisfará uma necessidade vital imediata, no entanto, ocorre algo mais que lhe proporciona o encontro com o objeto sexual.

O menino vai ao encontro de seu objeto de desejo, que é a água, capaz de saciar sua sede, mas também ao mesmo tempo encontra a boca da estátua, que lhe dá uma satisfação que vai além de matar a sede. O encontro do menino com a estátua mulher metaforicamente é o encontro com seu objeto de desejo que é o corpo feminino.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

O menino estava “secando” aproxima-se da imagem da estátua (pedra) que lhe saciará a sede, e é ela que lhe dá o líquido vital. Há uma identificação de ambos. Ele percebeu que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. O que ele precisava para manter-se vivo jorrava dessa boca, de uma boca para outra. Confuso, na sua inocência, sentia-se intrigado, perturbado e percebeu que uma parte do seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva e isso nunca lhe tinha acontecido.

Em “O primeiro beijo” marca-se o início da maturidade sexual do menino. É a imagem de uma mulher, mesmo estátua ou objeto, ou seja, não uma mulher real, que desperta a sua masculinidade. O encontro com a imagem da estátua pode ser visto como o encontro com a ideia de uma mulher. O jovem menino está apto a reconhecer o princípio feminino em outras mulheres.

Neste conto de Clarice Lispector, *O primeiro beijo*, o menino transforma-se em homem, desperta para novas emoções, acorda para um novo mundo repleto de prazeres e vida. O garoto tivera sua primeira experiência sexual, pois sentia uma parte do seu corpo enrijecer-se e, logo após, teve seu primeiro gozo, como podemos observar na seguinte passagem do texto: “Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele... Ele se tornara homem.”

Por fim, passa-se às atividades de pós-leitura, em que o texto é relacionado à realidade dos alunos, para que ele reflita sobre si mesmo e o meio em que vive. Neste momento, o aluno também elabora suas reflexões sobre o texto, que pode ser feito por escrito, para que o aluno mobilize as reflexões e consiga expressá-las. Cada um expõe oralmente e/ou por escrito o que compreendeu e as relações que estabeleceu.

Com o conto, abordando um tema que interesse ao aluno, o professor terá muitas chances de fazer com que a partir desta atividade em sala de aula, no coletivo, consiga chamar seus alunos para a leitura de textos literários, incentivando-os à magia e beleza que o texto literário traz com ele.

O sucesso da leitura teria como primeiro passo trazer para a sala de aula o prazer de ler. É importante, também, que se reconheça que nenhum leitor inicia o seu percurso a partir

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

dos romances clássicos, o que significa que os professores devem instigar seus alunos a partir de leitura mais simples, curtas e que possam ser feitas no coletivo.

Após estas etapas de leitura sugeridas, muitas outras atividades podem ser pensadas aproveitando os talentos dos alunos – filmagem, produção de vídeos, dramatização, saraus e cafés literários, debates, painéis, produção de textos literários etc – com o objetivo de suscitar no aluno o prazer e o gosto pela leitura do texto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto literário desenvolve a imaginação, a criticidade, o domínio da linguagem e auxilia o leitor a refletir sobre si e sobre o mundo.

O trabalho com textos literários em sala de aula não deve acontecer de forma aleatória, sem objetivos definidos, centrado somente na figura do professor. Existem alternativas para a leitura prazerosa do texto literário em sala de aula. Mas isso requer que professor esteja disposto a buscá-la. O professor tem o dever de colocar o seu aluno em contato com as diversas formas de comunicação ou gêneros que circulam em nossa sociedade. O texto literário é somente uma dessas formas. Infelizmente, é uma das formas relegadas a um segundo plano.

É preciso que em sala de aula tanto o aluno quanto o professor estejam em contato com os textos literários, de modo que eles possam refletir e recriar a linguagem literária, facilitando a formação de novos horizontes. Sabemos da realidade educacional e também das dificuldades que o professor encontra para diversificar suas aulas, no entanto, para amenizar este problema, a formação continuada e a constante atualização ainda são as principais armas dos professores.

Este é um fato que precisa ser pensado e valorizado, a preocupação com a formação de leitura dos professores, despertando-os para o universo literário. É fundamental gostar de ler para formar leitores. E, além disso, tendo suporte através de seminários, oficinas, relatos de experiência, entre outros, que apontam caminhos, o professor melhorará sua prática.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE
LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Referências

BRAGA, Regina Maria. SILVESTRE, Maria de Fátima. *Construindo um leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Global, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Leitura e dialogismo*. In: *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. Regina Zilberman e Tânia Rosing (org.). São Paulo: Global, 2014.

GERALDI, Wanderley João (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004.

JOBIM, José Luís. *A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar*. In: *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. Regina Zilberman e Tânia Rosing (org.). São Paulo: Global, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo: Ática, 1993.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.